Correio da AESE
PANORAMA
22.set.2021
N.784
AESE BUSINESS SCHOOL
www.aese.pt

Índice

Ensinamentos sobre o amor e a amizade 1
O aborto não é um tema superado 2
"Así empieza todo" 3
"Antiespecista" 4

Ensinamentos sobre o amor e a amizade

Desde Ulisses até ao *hobbit* que vive num buraco no chão: através de seis especialistas, o curso Educar os jovens no amor e na amizade através dos clássicos ensina, apoiando-se em oito grandes obras da literatura universal, como contribuir para a formação do caráter das novas gerações.

"O problema é que não lemos os clássicos com os jovens porque não confiamos em que a literatura possa ajudar-nos a encontrar o nosso destino", afirma Alessandro D'Avenia, escritor, professor e argumentista italiano, e um dos docentes deste curso *online*, oferecido pelo grupo de investigação Family and Media da Faculdade de Comunicação da Pontifícia Universidade da Santa Cruz (Roma).

A génese do curso tem origem num estudo de opinião efetuado sobre o que leem e veem os jovens. Segundo o inquérito, solicitado pelo Family and Media à Gad3 em nove países da Europa e América, três em cada quatro jovens leem menos de duas horas por semana. Sobre a importância para eles das relações e da amizade, seis em cada dez jovens reconheciam ter entre dois e cinco amigos verdadeiros, embora os inquiridos dos Estados Unidos e Inglaterra tenham respondido numa maior percentagem, que consideravam ter somente um verdadeiro amigo.

Fruto do inquérito e de um colóquio posterior, nasceu então o curso em janeiro de 2020. O seu objetivo, como explicam na *web*, é duplo: "Promover uma cultura educativa orientada para o sentido crítico e o desenvolvimento do pensamento", e "cultivar o gosto pelas grandes narrativas, porque são capazes de influir profundamente na perceção que os jovens têm do amor e da amizade".

Para Norberto González Gaitano, diretor do Family and Media, a educação no amor e na amizade foi sempre importante nos jovens: "Sabem que as respostas que procuram para as suas perguntas são eternas, e não as encontram nos chavões adoçados de uma cultura narrativa excessivamente sentimental e, muitas vezes, extremamente superficial, que transpira medo pelo compromisso, pelos vínculos. Querem ser verdadeiramente livres, mas necessitam de modelos, também narrativos, que lhes contem sobre aquilo que devem decidir entre diversas opções, que lhes falem de que os vínculos não são cadeias, mas ligações".

O curso abre com "Ana Karenina" de Lev Tolstoi, pela mão de Armando Fumagalli, catedrático de Teoria da Linguagem e Semiótica e professor de História e linguagens do cinema internacional. Para Fumagalli, a riqueza deste clássico reside no mundo psicológico dos personagens. É necessário mergulhar no romance para entender as contradições de Ana e descobrir também que a sua história ocupa apenas 55 % do total do texto; 35 % desta obra apresenta a história paralela do amor crescente de Levin e Kitty, uma história que costuma ficar relegada para um segundo plano na maioria das adaptações no cinema e televisão.

Travis Curtright, professor de Literatura e Humanidades na Ave Maria University (Florida), partilha a sua vivência como diretor do Shakespeare in Performance, um projeto de recitação teatral de obras do dramaturgo inglês. A peça selecionada por Travis Curtright para o curso é "Muito Barulho por Nada", considerada

a obra romântica mais madura de William Shakespeare e na qual a personagem de Beatriz é apresentada como "um exemplo de mulher enérgica, que sabe expressar os seus pensamentos e sentimentos".

A busca por uma vida autêntica marca a trajetória de Kitty, a protagonista de "O Véu Pintado", de William Somerset Maugham, segundo Antonio Malo, catedrático de Antropologia Filosófica na Universidade da Santa Cruz. Ao longo do romance, Kitty vai descobrindo a falsidade na sociedade e na sua própria vida, e decide atuar por si própria com liberdade, nessa busca por uma vida autêntica. Kitty é capaz de percorrer esse caminho graças à aprendizagem do perdão, à confiança sincera de um bom amigo, ao exemplo de maternidade que encontra na madre superiora do hospital que acolhe órfãos, à descoberta da beleza como alguma coisa que nos transcende e ao conhecer pessoas que se mostram capazes de assumir sacrifícios com alegria por amor.

"Também os pequenos e humildes são chamados a fazer coisas grandes" é o subtítulo do tema sobre "O Senhor dos Anéis" de John Ronald Tolkien, ministrado por Andrea Monda, diretor do "L'Osservatore Romano". Para o professor, o *hobbit* simboliza o homem de hoje: um indivíduo tranquilo, aparentemente satisfeito, mas no qual está subjacente o problema de ver a vida somente a partir de fora, sem se comprometer por inteiro nela, ignorando que a paz de que desfruta conquistaram-na outros com muito esforço a lutar contra o Senhor das Trevas. O presente que Tolkien oferece na sua obra, segundo Monda, consiste em mostrar que não importa quão pequenos nós sejamos, "se pudermos responder afirmativamente ao chamamento da vida, pois as nossas vidas são capazes de contribuir para melhorar o mundo".

Para Natalia Sanmartín Fenollera, jornalista e autora de "O Despertar da Menina Prim", o romance de Jane Austen, "Orgulho e Preconceito", "prepara o coração de uma forma poética para a experiência e ensina-nos tesouros como a importância da amizade, do amor, da família, da lealdade", além da inconveniência de fazer juízos de maneira demasiado categórica sobre si mesmo e sobre os outros. Este romance tem, para Sanmartín, três ensinamentos que são como "três portas sobre o amor": para que uma pessoa seja gentil tem de ser amada primeiro; somente se conhece o que se ama"; e a necessidade do amor para um casamento feliz.

Alessandro D'Avenia encerra o curso com uma lição sobre três dos seus clássicos preferidos: A "Odisseia" de Homero, a "Divina Comédia" de Dante Alighieri e "Crime e Castigo" de Fiódor Dostoiévski. Os três concordam em apresentar o homem que enfrenta o seu destino, conseguindo uma salvação que é a possível. Para o jovem escritor italiano, isto faz parte da missão dos clássicos: "Entram na História, lutam, transformam-na, sofrem feridas e abrem o caminho aos recém-chegados".

L. M. A.

O aborto não é um tema superado

O aborto é um dos temas que mais ruído mediático provoca. Mas também um sobre o qual menos se reflete e se fala na vida quotidiana. Uma equipa de sociólogos norte-americanos mergulhou nesses silêncios e conclui que, para a maioria das pessoas, o aborto está longe de ser um bem social.

Dirigidos por Tricia C. Bruce, professora na The University of Texas at San Antonio, os autores de "How Americans Understand Abortion" entrevistaram de modo profundo uma amostra representativa de 217 adultos. Cada entrevista teve uma duração, em média, de 75 minutos, tempo suficiente para avaliar aspetos que normalmente não costumam ser abordados nos inquéritos: a consistência lógica do discurso, a riqueza do vocabulário moral, a marca da educação familiar, a experiência da maternidade/paternidade, etc.

Após este mergulho, chegaram ao convencimento de que as respostas pré-determinadas que costumam dar a escolher as sondagens sobre o aborto não refletem bem as atitudes possíveis neste tema. Tão-pouco ajuda a falta de acordo sobre o significado de certos termos, como "pró-vida", "pró-escolha", "moralidade"…

Por exemplo, "nem todos que consideram imoral o aborto querem proibi-lo em todas as circunstâncias". Ao mesmo tempo, "nem todos os que *não* têm problemas morais com o aborto, o querem legalizar em qualquer circunstância". A variedade de posições não termina aqui, pois o eixo moralidade-legalidade admite múltiplas opções: 14 % dos entrevistados querem proibir o aborto em todos os casos, porque pensam que o aborto é errado; de entre os 35 % que querem que o aborto seja legal em qualquer caso, metade tem reparos morais; 38 % do conjunto afirmam que a moralidade do aborto depende de cada situação, etc.

O complexo conjunto de casos que mostra o estudo, refuta a ideia de que o aborto é um tema superado. "Quase todos os norte-americanos se sentem de algum modo em conflito com o aborto. Os inquéritos subestimam a ambivalência".

Que a oposição moral ao aborto é mais ampla do que a legal, é algo que já mostraram algumas sondagens de respostas fechadas, como as da Gallup. O interessante do novo estudo, solicitado pela University of Notre Dame, é que deixa falar longamente os participantes. E daí virem à tona uma torrente de reflexões, sentimentos, experiências… "Os inquéritos não levam em conta a forma como muitos norte-americanos avançam com esclarecimentos e reservas, se contradizem a si próprios, evitam responder, mudam de opinião e pensam as coisas em tempo real".

Embora os autores se abstenham de fazer avaliações morais, dá a impressão de que têm uma certa preferência pelas zonas cinzentas. De qualquer forma, a sua análise e as suas recomendações revelam-se úteis para melhorar o debate público sobre

o aborto. O que passa por "melhorar a formação em biologia, direito e argumentação moral".

Um dos pontos que sublinham, é este ser um tema mais pessoal do que político, sobre o qual a maioria "não pensou com atenção". O habitual é que alguns poucos dados e alguns argumentos morais bastante pobres acabem por levar a posições cujas implicações passaram despercebidas.

Paradoxalmente, esta desinformação convive com a sensação de que o aborto é um tema omnipresente na política, nos meios de comunicação social e nas redes sociais. Entre outros efeitos, explica o relatório, a superexposição gera nalguns a falsa impressão de estarem informados; noutros, cansaço e desinteresse.

Entre as recomendações do estudo, destaca-se a de criar as condições adequadas para que os defensores e os oponentes do aborto possam escutar-se e entrar num "terreno comum". Esta expressão suscita suspeitas, pois, por vezes, foi usada para se referir a uma posição de partilha à qual uns e outros chegariam pela via da cedência de posições. Mas não é este o sentido que o estudo avança. A sua ideia de um "terreno comum" encoraja concentrar-se naqueles pontos do debate que possam contribuir para conseguir "o objetivo comum de reduzir as circunstâncias que dão origem às decisões de abortar".

É evidente que esta solução não será apreciada por aqueles que querem um direito ao aborto totalmente consagrado pela lei. Mas a maioria pensa de outro modo: "Nenhum dos norte-americanos que entrevistámos falou do aborto como um bem desejável. As opiniões variam em função de se deve ser acessível, se é justificado ou se é necessário. Mas não defendem o aborto como se fosse um acontecimento feliz ou algo muito apreciado. (…) Pelo contrário, ouvimos o desejo de prevenir, reduzir e eliminar as possíveis circunstâncias difíceis ou inesperadas que levam ao aborto".

"Así empieza todo"

Autor: Esteban Hernández
Ariel. Barcelona (2020)
272 págs.

Esteban Hernández, chefe de opinião do diário digital "El Confidencial", escreveu um interessante ensaio sobre a transformação do cenário internacional nas últimas décadas, nomeadamente após a Guerra Fria. O resultado é um livro no qual se combinam com destreza a história, o pensamento político, a cultura, a sociologia e a economia, e que serve para ter uma visão de conjunto do momento em que vivemos, incluindo a pandemia.

Tal como outros textos atuais, neste refere-se o erro do internacionalismo liberal ao declarar-se vencedor absoluto da Guerra Fria e pensar que o fim da História viera com o triunfo da democracia e da globalização económica. A crise financeira de 2008 e a pandemia foram cruciais no desenvolvimento dos factos.

Tanto num capítulo específico, como ao longo da obra, há atenção ao desafio da China. As teorias de que o desenvolvimento económico ascenderia as classes médias e traria a democracia, colidiram com a realidade de um regime autoritário, assente numa cultura hierárquica, que transformou o seu aparelho produtivo e elevou o nível de vida da maioria da população. A sua gestão supostamente acertada da pandemia aumentou o seu prestígio, mais um instrumento para expansão e influência mundiais, com a peculiaridade da China, apesar de regime comunista, não querer exportar a sua ideologia.

"Así empieza todo" inclui, além disso, uma crítica da globalização, um processo feito muitas vezes sem previsões de futuro, pois quebrou a coesão social ao suscitar o aparecimento de nacionalismos e populismos, que oferecem soluções fáceis e tentadoras a sociedades golpeadas pela crise económica.

Como se poderia recuperar a coesão social, para Hernández? A solução seria desenvolver políticas keynesianas, como as que triunfaram com o *New Deal* de Franklin Roosevelt e o Estado Providência. Hernández está convencido de que, sem um grau significativo de coesão social, a deterioração institucional será inevitável. Os atuais acontecimentos ligados à pandemia fazem com que esta análise não seja insensata, pois assistimos simultaneamente a uma desestruturação social e territorial.

A. R. R.

“Antiespecista”

“L’imposture antispéciste”

Autora: Ariane Nicolas
Rialp. Madrid (2020)
204 págs.

O antiespecismo, como filosofia ativista do veganismo, converteu-se numa ideologia relevante dos nossos dias. A sua posição é que os animais, por serem sensíveis à dor e ao prazer, devem ter direitos fundamentais como os seres humanos, sem os quais o homem pode explorar ou matar as outras espécies. A sua preocupação não é já o “bem-estar” animal, mas a “libertação animal”, para retomar o título do livro de Peter Singer que, desde 1975, permanece como um texto de referência desta corrente.

Ariane Nicolas, jornalista que trabalhou na televisão pública francesa e escreve habitualmente na “Philosophie Magazine”, leva a sério o pensamento antiespecista e dá-lhe uma resposta na qual os argumentos filosóficos se combinam com a atenção à atualidade.

A autora objeta ao antiespecismo que veja imperativos de justiça onde na realidade não existem. Os antiespecistas estão encurralados no seu antropomorfismo e consideram os animais como o que não são. Contra a ideia de Singer de que, por terem interesses, os animais teriam direitos, Nicolas defende que somente o ser racional pode ter direitos, e que o animal não pode ser livre, visto que apenas pode obedecer aos seus instintos naturais.

Quando se considera que os animais são sujeitos de direitos, surgem dilemas insolúveis: Que fariam os animais domésticos se fossem “libertados”? Se devemos respeitar a todo o custo a vida animal, o que fazer com os animais predadores? Teremos de alterar os instintos de cães e gatos para convertê-los em vegetarianos? Porquê excluir do âmbito dos direitos os vegetais, que mostram reações por vezes próximas da sensibilidade?

Nicolas reprova também nos antiespecistas “um desejo absoluto de radicalidade que se refugia por trás do argumento da não violência”. Um autêntico vegano não só deve renunciar a uma série de alimentos, como deve mudar o seu modo de vestir, de deslocar, de decorar a casa… A autora critica a assimilação de abusos contra seres humanos e de abusos contra os animais, como fazem os antiespecistas, quando falam de libertar os animais como se libertou os escravos, quando consideram os matadouros de gado como um Holocausto permanente, ou quando pretendem evitar as “violações” entre animais.

Em última análise, Ariane Nicolas deteta no antiespecismo uma contradição fundamental sobre a natureza humana. Por um lado, o animalista critica a ideia de uma superioridade do homem sobre as restantes espécies; por outro, pensa que os seres humanos têm deveres superiores e que o seu papel sobre a Terra é reger o futuro das outras espécies.

A sua crítica não implica que não haja nada a mudar nas relações entre os homens e os animais. Considera necessário proteger os animais de companhia de caprichos dos seus donos, oferecer aos animais de criação condições de vida compatíveis com o seu bem-estar e assegurar a salvaguarda das espécies selvagens. Mas desenvolve pouco esta vertente positiva.

Em certas afirmações de passagem observa-se uma conceção dos direitos humanos como se fossem pura criação de invenção humana, nada exigido pela sua natureza. Também se nota a tendência de apresentar grandes conceitos – consciência, liberdade, responsabilidade… – como “herdados do Iluminismo”, como se antes o pensamento humano não houvesse dito nada a esse respeito. Mas são pormenores isolados num livro que desenvolve um discurso rigoroso com a perícia de divulgação da jornalista.

I. A.